

## RESENHAS





## A ARTE DA *PERFORMANCE*: DO FUTURISMO AO PRESENTE

Fernanda Nardy Bellicieri\*

A defesa do fluxo de *ser/estar* no mundo e a tentativa de expressão através de uma Arte que cause estranhamento e incite à reflexão, ancorada em um artista legitimado por um "si autoral", parecem estar presentes na essência da *performance* enquanto prática e conceito. A materialidade e a estética artística da *performance*, em favor de um fluxo do sentir e expressar e, inevitavelmente, do existir, falam diretamente ao potencial do estar presente; falam ao corpo. *Performance*, em última análise, é a arte cujo suporte primeiro é o corporal.

Mas que estética é essa que orienta multidimensional, filosófica e materialmente o desenho do corpo presente no espaço-tempo da história da Arte, e da Arte na História? É essa a questão central de que trata o livro de RoseLee Goldberg<sup>1</sup> *A arte da performance: do futurismo ao presente: a contextualização e configuração da performance na História*; não apenas na história da Arte, mas enquanto relação sujeito-objeto (artista-obra/Arte-historicidade) imbricados, quase coincidentes.

A autora assina um dos poucos tratados sobre *performance*, abarcando um período histórico que compreende de 1900 aos dias atuais, em uma minuciosa análise dos diversos movimentos sociopolíticos e artísticos que se influenciaram mutuamente e validaram, em um processo contínuo, a *performance* enquanto Arte. Ao longo de uma série de capítulos que transitam pelo Futurismo italiano, Futurismo e Construtivismo russos, Dadaísmo, Surrealismo e Bauhaus, desembocando nas Artes, viva, conceitual e midiática, Goldberg consegue radiografar a *performance* atual como, talvez, a forma mais legítima de Arte no sentido ideológico usado pelos movimentos vanguardistas: a expressão como uma tentativa de "correção" de um mundo em que o homem deixou-se abater e se transformar em produto, desapropriando-se de seu tempo-espaço, sua contemporaneidade, seu instinto de presencialidade e, em última análise, de seu poder crítico de articulação. Um homem anestesiado de seu próprio corpo, e de um corpo próprio.

---

\* Mestre e doutoranda em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e professora na mesma instituição com pesquisas em Teatro, Performance, Audiovisual e Novas Mídias. *E-mail*: fernandavns@yahoo.com.br

1 - RoseLee Goldberg é historiadora, crítica e curadora. Leciona na Universidade de Nova Iorque (Estados Unidos) e é fundadora do Performa, uma organização de artes multidisciplinares para pesquisa e suporte da Arte do Século XXI.

É nesse sentido que, a partir da década de 1970, a retomada de um corpo presente como suporte de expressão, em oposição à Arte de galerias e museus, de viés mercadológico e apto à coisificação, passa a ser historicamente uma forma legitimada de expressão. A *performance* passou a ser vista como modelo de produção ideal; afinal, o performer tinha em seu próprio corpo ou processo o suporte de trabalho e veículo configurador de linguagem. Uma linguagem capaz de traduzir o seu universo de questões enquanto artista, na potência do estar presente. Para Goldberg é esse potencial de estar presente que faz da *performance* algo tão impactante. E, nesse contexto, o advento das novas mídias, a partir da década de 1980, representadas pela revolução digital e o compartilhamento em rede, apenas potencializaram o "estar presente" dando ao artista a possibilidade de aliar corpo e tecnologia em cena, e criar novos espaços de presencialidade.

A tecnologia e o ambiente digital pareceram favorecer o crescimento e a popularização da modalidade artística e, de certa forma, sua inserção legitimada na indústria da Arte; existem mais artistas performáticos financiados, maior número de pesquisas acadêmicas envolvidas, espaços tradicionais como galerias e museus abrindo portas a esse tipo de manifestação. No entanto, a autora pontua que, ao mesmo tempo em que a *performance* não deixa de representar, em algum nível, uma evolução natural da indústria da Arte, pelas questões que levanta enquanto modalidade artística (não estando, portanto, incólume à objetificação); é também um antídoto ao distanciamento, porque somente a *performance* dotada de seu caráter de presencialidade detém a potência corporal do "estar" em tempo real. E a presença do artista talvez seja o que de mais imprevisível e provocador se encontre na Arte, em todos os tempos.

RoseLee Goldberg, em sua ampla análise histórica da *performance*, discute e faz refletir sobre o significado da Arte enquanto fenômeno de percepção e expressão de um sujeito contextualmente presente, o que implica a experiência de um corpo identitário mas também coletivizado pois imerso em questões, em síntese, humanas. Arte enquanto experiência reflexiva corporeamente resultante para configuração de (na citação do futurista Marinetti) "um tempo em que a vida será obra de arte"<sup>2</sup>; e a vida enquanto obra de arte parece caracterizar o legado do que veio a ser, de fato, a *performance* em essência: simultaneidade, instantaneidade, linguagem e estética empenhadas na construção, e não apenas representação, de um homem para seu tempo e apesar dele.

GOLDBERG, R. *A arte da performance: do futurismo ao presente*. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 228 p.

---

2 - Marinetti foi o autor do primeiro manifesto futurista, movimento de Vanguarda. A frase em questão é citada por Goldberg no capítulo em que a autora descreve o movimento.